

Os rumos da economia brasileira

Francisco Olivieri

Conforme sugere a ata do COPOM de 29.04.2015, o ciclo de aumento da taxa SELIC não terminou. Com isso pode-se inferir a manutenção do aperto monetário para 2015, com conseqüente agravamento da desaceleração da atividade econômica. A perspectiva é que a retração econômica contamine o ano de 2016. Os investimentos deverão voltar a acontecer a partir de 2017.

Os preços administrados, represados pelo governo federal por motivos políticos, agora pressionam os índices de inflação e refletem-se no menor consumo das famílias resultado da redução da atividade econômica com seus efeitos nefastos – leia-se: desemprego.

Estima-se que o PIB brasileiro de 2015 sofra uma retração de 1,5%. A capacidade instalada da indústria, neste ano, opera com ociosidade de 25%, o que deve se ampliar, dado o cenário recessivo.

É evidente que a “lição de casa” deve ser feita pelo governo, pois o problema brasileiro é claramente fiscal e não monetário. Dessa maneira, a política monetária com base no aumento da taxa SELIC não é o remédio adequado para o problema. A prioridade deveria ser a redução e o controle dos gastos governamentais, hoje preponderantemente de custeio. O estímulo à atividade econômica pode ser dado pelo governo, por meio de dispêndios em obras de infraestrutura em detrimento dos de custeio, que não geram o valor desejado.

Sinal bastante preocupante é a redução da produção de bens de capital que, no período de um ano (março - 2014 a 2015) foi de 14%. Tal redução enseja a falta de confiança do empresariado nos rumos da economia, retardando investimentos que poderiam tornar a indústria e os produtos brasileiros mais competitivos no mercado externo, pelo menos no que se refere à qualidade.

O emplacamento de veículos, em abril, reflete o desaquecimento econômico. O pior é que a redução maior não foi no setor de veículos leves, mas no de pesados (43% segundo a FENABRAVE), demonstrando, mais uma vez, a desconfiança do empresariado. Tal redução afeta importante cadeia de valor produtiva que envolve milhares de fornecedores e quantidade superior de empregos.

O setor da construção civil, que abrange uma cadeia de valor bastante importante, tem grande estoque de imóveis prontos sem a demanda correspondente. A situação já acarreta diminuição nos valores de venda de imóveis residenciais, dada a paralisia do mercado.

A redução do risco-país, no princípio de maio, para cerca de 235 pontos, reflete-se no balanço positivo no fluxo cambial. Os investimentos estrangeiros começam a retornar, sobretudo devido ao baixo risco de calote e à depreciação do real frente ao dólar americano e ao euro. De qualquer maneira, os ingressos financeiros estão estocados aguardando a adoção de políticas fiscais firmes para, então, se transformarem em investimentos (produtivos).

Enquanto isso, os agentes econômicos observam com atenção as atitudes do Governo Federal, quanto aos ajustes necessários para, no momento exato, fazerem as inversões de capital. O certo é que a meta de inflação para 2015 não será cumprida e o processo de retração instalado preconiza uma situação de estagflação.

Francisco Olivieri é Professor no curso de Administração do Instituto Mauá de Tecnologia.

Jornal Brasil Econômico

Publicado em 18 de junho de 2015